

O ECCO DE



BARCELLOS.

Só em Barcellos houve alardo um dia,
Em que o Sol pelos campos dilatados
Com terrível e fera galhardia
Desasete mil peitos vio armados.

[Poema Epitalamio de Manoel de Gallegos. Oitava 81].

REDACTOR PRINCIPAL E EDITOR RESPONSÁVEL. DAVID DE BARROS E SILVA BOTELHO.

PREÇO D'ASSIGNATURA.	PUBLICA-SE ÀS QUARTAS-FEIRAS E SABBADOS.	E COM ESTAMPILHAS.
Por um anno..... 2\$400	Numero avulso 30 rs. Anuncios e Correspondencias, por linha 40 rs. Repetições 20 rs. Para os snrs. assignantes por linha 20 rs. repetições 10 rs.	Por um anno 2\$920
Por seis mezes..... 1\$200	Os annuncios e correspondencias, devem ser remettidas francas de porte ao redactor do ECCO DE BARCELLOS.	Por seis mezes 1\$460
Por tres mezes..... \$600	Assigna-se em Barcellos na loja de Joaquim Alves Vallongo e Souza, rua Direita n.º 30.	Por tres mezes \$730
		Para o Estrangeiro accresce o porte.

BARCELLOS 30 DE JULHO.

Era cousa prevista que a actual sessão parlamentar seria curta, porém ainda assim havia esperanças de que seria mais fértil do que se mostra, em resultados uteis para o paiz.

Não podia nem devia esperar-se mais que o possível no pouco tempo que tinha de funcionar o poder legislativo, mas manda a verdade se diga que se poderia ter feito mais, e bem mais, se em todos se desse a boa vontade e generoso proposito de antepôr a tudo os interesses e votos do paiz, que só pede e deseja bom governo, e uma administração accommodada ás suas necessidades, e condições de existencia.

A lei sobre que devia firmarse o credito predial, que é das maiores e mais urgentes precisões da nossa industria agricola, a instrucção matriz, a reforma da lei que regula o tributo de sangue, e cujos defeitos e inconvenientes tão exuberantemente accusam a experiencia e os factos; eram e são necessidades publicas tão momentosas, que não devia suppôr-se que fossem descuradas, quer pelo governo, quer pelos representantes do paiz, qualquer que seja a sua procedencia politica; porque acima dos interesses e conveniencias dos partidos, estão os interesses e conveniencias geraes da Nação.

O tempo que se consumio em discussões de pessoas e cousas, que não prendiam com as reformas que as necessidades publicas reclamam, poderiam dar, e talvez dessem celebridade, aos que nessas discussões ostentaram os seus recursos oratorios, mas não deram proveito ao paiz, antes lhe deram prejuizo, pois gastaram o tempo que melhor e bem melhor poderia aproveitar-se, se fôra empregado

utilmente nas questões que indicamos, e que pela sua importancia merecem a preferencia entre as muitas que para a satisfação das necessidades publicas, pedem a attenção, e energicos e intelligentes esforços dos poderes publicos.

A actual sessão é das menos productivas que se contam na historia parlamentar deste paiz. Já não é de esperar que dê outro resultado, além da approvação do orçamento, cuja discussão foi ainda desta vez, o que sempre tem sido; isto é; uma mera formalidade, sem alcance nem importancia na ordem economica; pois que depois da discussão e votação, fica tudo como estava antes!

A reforma da lei do recrutamento porque tanto pugnaram os deputados desta provincia, que bem souberam comprehender a sua missão, ainda fica addiada, prolongando-se assim o mal que a lei actual produz.

No em tanto, a ideia da reforma iniciada e agitada, para mais tarde ser traduzida em facto, deve ser desde já abonada com a revogação da Portaria de 27 de Julho de 1859, que tanto aggravou a lei, já de si má, pelo arbitrio que pôz nas mãos da autoridade administrativa, e pela margem que abriu para violencias, vinganças, e injustiças, que o proprio espirito de lei condemna.

Coasta-nos que os snrs. deputados pelo Minho concentrarão por agora seus esforços neste sentido, ja que mais não pôde ser.

Discurso do snr. José Estevão proferido na sessão do dia 9.

[Continuado do n.º 80.]

Eu queria que a caridade, podendo ser, fosse invisivel; e as irmãs da caridade teriam redobrado as suas virtudes se se vissem as suas obras sem nunca se saberem os nomes, ou se apontarem as pessoas que as praticavam. A mulher so-

bretudo da alta classe, que vai com pés mimosos costeando as portas menos abertas á limpeza até chegar ao leito do pobre, e que vai ahí com a ignorancia da sua propria familia, envergonhando-se da sua propria virtude, mas sempre fiel aos seus sentimentos, lembrando-se dos sofrimentos dos seus semelhantes; essa mulher é mais christã, mais senhora e mais nobre que as irmãs da caridade. A mulher com uma caridade verdadeira, sobretudo a mulher de uma alta jerarchia, que ajoelha perante o leito do mais infimo, querendo praticar a caridade, não ha de estar a vêr-se ao espelho das suas grandezas, nem recordar-se dos degraus do seu palacio; ha de esquecer-se de tudo isto, e lembrar-se unicamente de que está debaixo da mão de Deus e junto do povo que nasceu do pó, como ella e como todos os grandes. Esta é a verdadeira caridade.

A caridade, para mim, deve ser livre, espontanea (apoiados), instinctiva, livre de toda a suspeita de vaidades humanas. A caridade não admite recompensa, nem galardão, nem menção. A caridade está toda dentro do coração do homem e da mulher, e o homem caridoso envergonha-se de que sejam citadas as suas acções virtuosas.

Eu venero e respeito a instituição das irmãs da caridade, venero os preconceitos d'onde ella nasce, respeito ás ideias erroneas que a sustentam; mas acho que é exaggerada e desnecessaria, e que não tem a verdadeira consideração para com os sentimentos humanos que se devem respeitar. A crença na virtude não dispensa o respeito ao decoro publico, assim como a religiosidade, no sentido que lhe dão os theologos, não dispensa o culto externo; e o culto externo das irmãs da caridade é pouco consentaneo com as fórmas, com os costumes e com as prevenções da autoridade civil. Eu prefiro a caridade que pôde comprehender o melhor serviço de Deus e dos pobres, sem comtudo offender as susceptibilidades humanas.

Mas, senhores, para que é tudo isto? Nós temos duas associações, uma religiosa e outra natural; temos a parochia e a familia. Para que havemos de entrar na questão escolastica da intelligencia de velhos estatutos, nem pôr em comparação diversas escolas da caridade? Associe-mos todos cada um na sua parochia, e a caridade em cada parochia tem dois chefes; o chefe da familia para vigiar, regular e acompanhar os actos de caridade dos diferentes membros da sua familia, e o parochio para ser a familia, e o parochio para ser o nucleo religioso, o conselheiro, o orador, em fim o laço da caridade humana com a caridade divina.

Eu tambem sou chefe de familia e caridoso, ainda que não é preciso ser casado para ser caridoso; mas tambem tenho a minha familia para offerecer para esta reunião, e tambem tenho o meu parochio, como todos o teem; formemos sociedades de caridade.

Os melhores capitães de companhias são aquelles que conhecem os soldados pelos numeros, e que os conhecem não só pelos numeros, mas pelos serviços que elles teem, pelos vicios a que são dados; que sabem se são valentes ou não, se são governados ou não, se teem peculio ou não teem. Pergunto eu: uma caridade governada por estes principios não seria uma caridade muito mais solícita, muito mais prompta, muito mais aproveitada, muito mais discreta? Decididamente que era. E se pôde haver a relação

circumstanciada e annotada moralmente dos soldos de caridade que existem, por exemplo, na Polonia, mais facilmente se pôde obter com relação ás parochias. Nós temos um rol das pessoas que vão aos bailes, das que jogam, das que vão ao club, das que vão ao gremio; tenhamos tambem um rol d'aquellas que são necessitadas, dos recursos que têm, se são falsos mendigos ou verdadeiros, se encobrem alguma cousa da sua fortuna, se têm parentes que se tenham esquecido do dever de sangue para os obrigar a soccorrel-as.

Façamos a caridade assim, e creio que facilmente se pôde fazer. Por exemplo: supponhamos que a camara vota que os institutos de caridade estão perfeitamente satisfeitos organisando-se as sociedades de caridade com os chefes da familia e com o parcho em cada parochia; haverá algum canon, algum papa, alguma igreja, algum escrupulo, alguma doutrina, algum ministro estrangeiro mesmo, alguma diplomacia que se levante contra isto? Quando nos viessem dizer: «E' preciso que venham irmãs da caridade»; nós responderíamos: «Estamos todos feitos irmãs da caridade, todos somos irmãs da caridade!» (Riso.) Mas eu não queria merecer os risos da camara n'esta occasião, porque julgo isto extremamente razoavel e felizmente já existe em Portugal (muitos apoiados).

A caridade é uma poesia do coração e não admite regras; é como a poesia do sentimento que se lhe pozerem ao lado os preceitos de Horacio e as tres unidades de Aristoteles, perdeu-se o esforço, fugiu o estímulo, morreu o genio; e a caridade é uma arvore immensa que cobre a humanidade toda, e que depois que foi regada com o sangue de Christo, cresce sempre na extensão do desenvolvimento do genero humano; esta caridade vale muito mais que os borquetes recortados que só podem dar sombra ás pessoas mimosas que os cultivam, mas que não podem dar larga sombra a toda a humanidade que sofre. (Apoiados. — Vozes: — Muito bem.) E o recio que eu tenho é este; é que creando nós officiaes publicos de um sentimento que até agora todos nós temos tido, vamos matar o espirito caridoso que é distinctivo do nosso paiz (apoiados).

As irmãs da caridade nasceram n'uma epocha de bruteza e sentimentos menos dignos e menos apurados de humanidade (apoiados); hoje diz-se, que a civilisação moderna tem corrompido os costumes: pois eu gosto muito mais da corrupção d'estes tempos de agora, do que das virtudes do tempo passado (apoiados). Eu espero muito mais d'estes principios, que se dizem subversivos da moralidade humana, do que espero d'aquelles que então predominavam n'uma certas classes que se assenhoreavam das consciencias julgando que eram cousa sua (apoiados) e tambem dos bens que possuíam, julgando que elles lhes pertenciam (apoiados). O sentimento nacional de caridade é inexgotavel entre nós, (apoiados), está estabelecido em todas as classes e em todas as localidades (apoiados) por todos os modos e maneiras, e não quer que haja uma corporação especial para este fim (apoiados), e é preciso que a não haja para que não esmoreça esse sentimento com distincções dadas a uma classe que a não merece, nem é digna de galardão, porque foi caritativa.

Uma mulher com quatro filhos que choram de fome, que distribue, apesar d'isso, metade do seu tempo, do seu carinho e do seu pão com uma vizinha desgraçada, não gosta da differença que se faz da sua classe, que é dirigida pelo sentimento natural de beneficencia, quando vê uma outra abastada, honrada, elogiada correndo de carruagem, pregoando a caridade (apoiados). Eu não participo d'esses preconceitos e reparos que se fazem, porque a caridade se exerce de carruagem, mas é preciso que quem assim a exerce, se lembre, não do grande salto que deu para descer da carruagem e entrar na casa do pobre, mas do salto que deu para subir a ella, porque a sua posição lhe trouxe o dever de soccorrer os desvalidos.

Eu tenho por mim uma grande authoridade, tenho por mim o proprio instituidor das irmãs da caridade de S. Vicente de Paulo, e ainda que não me achasse fortalecido com o testemunho de tão grande authoridade, eu não obstante, atrevia-me a emittir a opinião que tenho, e que é a mesma do instituidor.

A caridade quer toda a attenção aos preconceitos publicos, e respeito as opiniões estabelecidas; não nos deixem; não nos deixem ir cegamente levados d'este sentimento, crendo que não encontra obstaculos, que lhe tolham os vãos. As irmãs da caridade são uma boa instituição, mas podem prejudicar o paiz pelas considerações que já fiz, podem influir no sentimento publico, podem offender a caridade particular, podem quebrar o nexo que liga as pessoas voltadas a fazer o bem, podem ser um vehiculo de indisposições, podem tolher a liberdade de acção do governo do paiz, enfim podem trazer mil inconvenientes que é mister evitar. E note-se que eu n'este ponto não fallo só a meu sabor, fallo pela boca de S. Vicente de Paulo.

Snr. presidente, é sabido que o instituto de S. Vicente de Paulo nasceu em Pariz nos salões mais distinctos, mais ricos e da mais elegante sociedade; porque as grandes virtudes, pelo seu caracter moral e humanitario, não nascem privilegiadas, mas são de todas as condições e entram com igual recolhimento, tanto na choupana como no palacio. As senhoras da sociedade mais distincta de Pariz lembraram-se e combinaram entre si estabelecer esta instituição, e para esse fim pediram a S. Vicente de Paulo o seu conselho, que lh'o deu na seguinte resposta (leu).

Ora, snr. presidente, depois d'isto não tenho mais nada que dizer (apoiados), senão que offereço aos snrs. ministros esta resposta de S. Vicente de Paulo, para que a mettam em alguma nota diplomatica (riso), se acaso tem sido ou podem ainda ser obrigados a enviar alguma sobre esta questão. Eu dou-lhes de conselho que copiem textualmente esta resposta, que é a melhor que podem dar ao governo de Paris, quando os arguirem de terem dissolvido por um decreto esta instituição, á similhaça de outras que pelo mesmo modo e pelos mesmos meios foram dissolvidas em França, sem que se levantassem as duvidas e questões que se tem aqui levantado. E' porque a França é a França (apoiados), e Portugal é Portugal (apoiados); é que nas nações pequenas não se avalia a sua grandeza senão pela grandeza de seus ministros (apoiados); e esta é a grande difficuldade de governar em pequenos estados, porque quanto mais pequeno elle é, mais importantes devem ser os homens que estejam á frente dos negocios publicos.

E já que fallamos n'este ponto, eu offereço aos snrs. ministros exactamente um discurso para elles poderem formar a nota que devem dirigir ao governo francez. O ministerio já disse que isto era uma questão diplomatica; se o não disse aqui, disse-o em outra parte á sua maioria, e eu creio que era melhor tel-o dito n'esta casa, por que, para assumptos d'esta ordem, o governo sabe que não ha maioria nem minoria (apoiados). Pois então em resposta a essas notas os ministros podiam dizer — em casos semelhantes, ou as semelhanças, as razões são todas a nosso favor.

Tinham-se admittido em uma parte das provincias francezas uns padres belgas da ordem redemptorista. A ordem é distincta, a sua instituição não sei qual é, mas o seu fim era não menos religioso que este, porque foi instituida para ensino da mocidade e para crear oradores populares; era uma especie de ensino ás classes mais inferiores das aldeias. Foram mandados estes padres para lá, porque alli havia uma parte de população flamenga, e estes padres fallavam flamengo. Para lá foram mandados redemptoristas com o fim de educar o povo, porque a linguagem era a mesma; para cá mandam-nos as irmãs da caridade que fallam francez, porque as nossas creanças todas fallam francez! (Riso.)

Em França era esta a questão suprema, não canonica nem religiosa, era a questão da lingua; e não haviam das almas ficar sem o pasto espirital, visto que não haviam outros padres que fallassem o flamengo? Ca é o contrario, visto que somos portuguezes, venham francezes para ensinar os nossos filhos. Mas depois alguns dos padres desmandaram-se, e não sei mesmo se chegaram a commetter alguns crimes; os criminosos foram julgados e sentenciados, e o governo entendeu que devia prohibir o seu instituto.

«Os padres (disse alguém) commetteram alguns crimes, não ha duvidas, mas agora mandar o governo acabar com a congregação só porque alguns commetteram crimes!» Que respondeu a isto mr. Billot? Disse: «Os habitos d'estos

religiosos podiam recordar as faltas que tinham commettido alguns e por isso julgamos que era do decoro e obrigação do governo tirar estes habitos dos olhos do povo.»

Só nós é que não podemos dizer isto; se o dissessemos eramos um paiz selvagem tão selvagem que nos admiramos de que se façam eleições sem haver pancada! Então conserve-se o habitó, e não se extinga a congregação embora o povo a não veja com bons olhos.

Os padres tambem eram bons e accusaram-nos, tambem prestaram serviços e dissolveram-nos. Pois este caso é o nosso, exactamente o nosso, e então não pedimos ao snr. ministro senão que faça uso d'este facto, que dê a este acontecimento toda a importancia que elle tem, e o direito de prioridade allegado com esta extensão, será um meio de converter todas as reclamações francezas em nosso favor. O snr. ministro da fazenda ri-se, porque acha estes argumentos todos debeis. (O snr. ministro da fazenda: — Não.) Pois era uma serviço bem feito; o ministro dos negocios estrangeiros em França, encarregou-se de tratar todas as questões, uma por uma em todas as hypotheses que effectivamente se dão entre nós (apoiados.)

Ainda me resta dar parte á camara de um successo historico. Nós tambem temos um santo apostolico e é questão grave a decidir á face dos documentos — qual era a personagem mais christã, mais piedosa, e mais perseverante — se o santo francez, se o santo peninsular. E' materia contestada.

O nosso S. João de Deus é um santo do nosso bom Alemejo; um santo alli de Montemor-o-novo, creio eu... Vozes: — E' verdade. E' nacional, e foi o fundador da ordem da irmãs da caridade.

Ora o santo foi muito menos feliz, muito menos animado nas suas emprezas, por que sahio da sua casa e depois de grandes aventuras, tendo servido annos que não se julgavam satisfeitos com os seus serviços, tendo servido nas armas de uma nação que então era belligerante, e não se dando bem n'aquelle genero de vida, arremocou-se á Hespanha. Em Granada, consternado ao aspecto asqueroso dos pobres abandonados ás immensas mofestias e ás faltas de todo o abrigo, porque os pobres enchiam as ruas e estavam amontoados uns sobre os outros, passou por uma rua, e vendo escripto n'uma porta «casa para alugar» com uma resolução sobre-humana, não tendo nem com que se cobrir, e reduzido a ir todos os dias aos campos circumvisinhos fazer molhos de lenha para vender na praça, disse: «alugo-a eu». E foi, ajudado ou só, buscar os pobres que encontrou, e levou-os para lá; e tal era o seu fervor, tal foi a sua perseverança, tal foi, sobretudo, a sua coragem para resistir aos apupos, aos escarnos, aos maus tratos da população, que pouco a pouco constituiu um hospital. Não faltaram recursos; e conta a historia, que uma vez indo elle á praça comprar o necessario para o seu estabelecimento, encontrára na volta um ente sobrenatural que vigiava os doentes que elle temporariamente tinha abandonado. Nunca se pôde saber ao certo quem era, mas suspeitou-se que fôra o archanjo S. Raphael.

Eu, senhores, como catholico, sympathiso mais com o catholicismo milagreiro, do que com o catholicismo philosopho; e por tanto gosto mais do nosso catholicismo peninsular, salvas as fogueiras, que as houve por muita parte, do que com o catholicismo francez, que tem muitos louvores da philosophia mundana e que me parece mais uma escola philosophica rebocada de religião, do que um gremio verdadeiramente catholico.

[Deu a hora.]

Creio que deu a hora; estou cansado, não posso acabar hoje e tenho que dizer duas palavras ao snr. ministro dos negocios estrangeiros sobre a questão de Italia; por isso peço para continuar amanhã.

[O orador foi cumprimentado de todos os lados da camara. O snr. deputado, segundo o costume, não reviu este discurso.]

SYSTEMA METRICO-DECIMAL

III

O multiplicar decimal opera-se da maneira que os numeros inteiros, notando-se apenas uma differença: não fazendo caso da virgula que tenha o multiplicando ou multiplicador, apartaremos comtudo no resultado tantas letras á direita para a dizima, quantas contiverem o multiplicando e o multiplicador. Por exemplo:

4320,15
7,4

1728060
3024105

31969,110

Separamos portanto tres letras, que tantas são as que a virgula separa em cima.

Assim se quizermos reduzir uma medida antiga na moderna, multiplicaremos aquella pela relação que corresponde a esta, e o seu resultado será infallivel.

Supponhamos que havia em nosso poder 49 varas de panno de linho e que queremos saber quantos metros são? Procurando na relação quantos metros tem uma vara, vemos que corresponde a um metro e um decimetro; multiplicando pois

49
1,1

49
49

53,9

segue-se que as 49 varas tem 53 metros e 9 decímetros.

Se quizermos saber quantos kilogrammas tem 32 arrateis, faremos a mesma operação; buscamos a correspondencia ao arratel em grammas, e achamos 0,459, e multiplicando-a pelos 32, aqui temos o que corresponde á arroba

0,459
32

918
1377

k

14,688 grammas

que é justamente ao que corresponde a arroba.

Desejamos saber quantos litros tem uma pipa de 21 almudes; sabendo que cada almude corresponde a 25 litros e 440 mililitros, fazemos a mesma operação:

25,440
21

25440
50880

534,240 mililitros

Na repartição decimal, posto seguir-se como nos numeros inteiros, ha comtudo a observar que é necessario preparar os termos da divisão de maneira que tantas letras decimaes deve ter um, como o outro, ajuntando cifras áquelle que menos tiver, que nada augmenta com ellas.

Temos a repartir por exemplo

5425,35 | 3,5

porém no divisor ha uma letra decimal de menos que no dividendo, accrescentar lhemos uma cifra, continuaremos a divisão:

5425,35 | 3,50
1925 155
01753
00035

ficando um quociente de 155 unidades, ou numeros inteiros e um resto de 35, que ordinariamente se despresava; porém querendo continuar a divisão, ajuntaremos mais uma cifra, ao resto, que fica valendo dez vezes mais, e para compensarmos este augmento, marcamos uma virgula junto á cifra do quociente e o numero que se lhe seguir será dez vezes menor. Se a conta não fechar em cifras, poderemos juntar uma a cada resto até onde nós convier, como mais adiante mostraremos.

Fazendo pois a operação acima indicada, dá-nos o seguinte resultado:

5425,35 | 3,50
1925 155,1
01753
00035.0
000

155 unidades e uma decima.

[Continúa]

[Jornal dos Artistas.]

NOTICIAS DIVERSAS.

ROMARIA. — No Domingo 4 do proximo mez de Agosto é a Romaria de Nossa Senhora do Socorro em Villar de Frades, para onde vai a muzica desta Villa, e alguns côros de anjos que cantarão na procissão de tarde.

AGRADECIMENTO. — Recebemos o 1.º n.º da 5.ª serie do Jornal da « Associação dos Professores » que igualmente agradecemos.

ENTERRO. — Foi no Domingo 28 do corrente o do Exc.º Sr. Joaquim Antonio Paes de Villas boas, Commendador da Ordem de Christo.

O Templo do Bom Jesus da Cruz achava-se convenientemente decorado. A armação era do snr. Esteves. A Capella de musica era do snr. Amaral.

Tudo quanto havia de notavel compareceo a prestar as ultimas homenagens áquelle que depois de ter cumprido a sua missão na terra, onde soubera elevar-se por suas virtudes, descia á mansão dos mortos.

Tomarão as azas do caixão os Snrs. Commendadores, Barão de Grimancellos, António José dos Santos Abranches — Luiz Martins Villaca — David de Barros e Silva Botelho. O Sr. Marquez de Saldanha fechou o caixão.

OUTRO. — He hoje o enterro da Exc.ª Sr.ª D. Dorothea Vessadas, que se achava no Recolhimento do Menino Deus desta Villa, onde falleceu, e onde é sepultada. Esta Sr.ª cujas virtudes são bem notorias é Tia do respeitavel cavalheiro Sr. Carlos Maria do Valle Vessadas, a quem damos os pezames.

REVOLTA CONTRA OS TRIBUTOS. — Consta que se revoltaram contra os tributos alguns povos das immedições de Loulé, onde tinham entrado, e depois de queimarem as matrizes se dirigiram para Tavira, com intento de alli fazerem o mesmo. Parece que iam em numero de mais de duzentos homens. Tambem se diz que queimaram a casa do escrivão de fazenda, e que este se esperava em Lisboa. Consta mais que a tropa enviada para conter os amotinadores fôra repellida pelo povo, o que se attribue á diminuta força militar, e se accrescentava que o governo ia mandar para alli um vapor com tropa.

REUNIÃO POPULAR. — Teve hontem (15) logar como estava annunciado, a reunião popular para se eleger a commissão que deve dirigir os trabalhos para os festejos do dia 1.º de dezembro, an-

niversario da nossa independencia da Hespanha em 1640.

A' uma hora da tarde, o sr. Feliciano de Andrade Moura, presidente da Associação Nacional, abriu a sessão fazendo um pequeno e patriótico discurso analogo ao fim da reunião, e concluindo por convidar os circumstantes a escolherem os quarenta cidadãos que deviam formar a commissão.

A eleição começou immediatamente. A's tres horas e meia da tarde procedeu-se ao escrutinio, sahiram eleitos os quarenta cidadãos cujos nomes os leitores encontrarão em outro logar d'esta folha, no annuncio que a Associação Nacional faz do resultado da eleição.

Ha no facto d'esta reunião uma coincidência notavel com outro acontecido ha 242 annos.

A 14 de julho de 1619, e tambem em um domingo, na grande salla do palacio real de Lisboa, foi jurado nos Trez Estados do Reino, príncipe de Portugal, D. Filipe, príncipe das Asturias, que veiu a ser Filipe IV de Castella, e III em Portugal.

O primeiro fidalgo que jurou e reconheceu como príncipe de portugal a D. Filipe, foi o duque de Barcellos, D. João, e o ultimo o duque de Bragança, D. Theodosio, pae do duque D. João, gloriosamente aclamado no 1.º de dezembro de 1640.

Hontem, 14 de julho de 1861, reuniu-se o povo para accordar no festejo do feliz successo da acclamação, e no mesmo dia ha 242 annos, reuniram-se o clero, nobresa e povo para reconhecerem o filho do usurpador, como seu futuro rei, cujo jugo vieram a sacudir afortunadamente passados 21 annos.

N'aquelle tempo andavão os castelhanos já receiosos da familia de Bragança. Conta-se que no dia do juramento do príncipe das Asturias, na occasião em que D. Theodosio se apeava á porta do palacio, se travou uma briga com os seus criados, buscando-se occasião de offender ao amo, cuja ruina se pretendia por parte dos castelhanos. Um soldado da guarda, affectando não conhecer o duque, teve o arrojo de apontar-lhe um arcabuz.

O duque, que percebera d'onde provinha a aggressão, não se perturbou, e affastando com brandura o insolente soldado, disse para elle e para outros que estavam diante: — «Deixae-me entrar, que não se pôde cá fazer esta festa sem « mim. » —

Fizeram-se demonstrações de se proceder contra o soldado, mas o duque intercedeu por elle, e facilmente lhe perdoaram os proprios que haviam provocado o delicto.

No entretanto o duque de Bragança recebia muitos agrados de El-Rei D. Filipe, que por elle mostrava as maiores attengões; e nas despedidas lhe manifestou quanto desejava patentear-lhe a sua munificencia com algumas mereês, ao que o duque D. Theodosio respondeu: — «Os reis « nossos antecessores deixaram tanto á casa de « Bragança, que a desobrigaram de ter que pe- « dir. »

De D. Theodosio se refere tambem que quando ajustara o seu casamento com D. Anna de Valasco, filha do condestavel de Castella, este lhe offerecera 200 mil cruzados de dote. O duque regeitou, mandando dizer: — «Que a casa de Bra- « gança não buscava dote, senão os dotes e vir- « tudes, que a fama divulgava serem grandes em « sua filha. »

O duque, quando tinha 11 annos de idade, passou com El-Rei D. Sebastião a Africa e esteve na batalha de Alcacer Quibir, tendo sido ferido e prisioneiro.

Festejem, pois, o glorioso feito de 1640, mas creiam, que a melhor festa que os filhos d'esta terra podem fazer, é concorrerem todos, cada um como poder, para que a nação progrida e se engrandeça; a melhor e mais proficua festa será aquella em que se depozarem no altar da patria os odios encarniça dos que animam os partidos uns contra os outros; — e ainda outra festa será de valiosissimos resultados — aquella em que celebramos a presença no poder de cidadãos não só animados pelo desejo do bem, mas dotados de grande coração, de elevada intelligencia, e de nobre arrojo para as reformas indispensaveis de que o paiz precisa, como de pão para a bocca, na phrasa vulgar.

NOTÍCIAS ESTRANGEIRAS.

Participações telegraphicas.

Turin 21 de Julho.—A gazeta official promulgou o empréstimo do decreto de 500 milhões.

Chegou o conde Didrich, enviado extraordinario da Suecia.

As noticias de Napoles annunciam que o snr. Spaventa apresentou a sua demissão.

Diz-se que o duque de Malakoff, governador general de Argel se acha ha alguns dias em Paris.

Londres 23.—O barão de Vidil foi submettido ao jury.

Pesth 21.—A leitura do rescripto causou grandes desgostos.

Os deputados acolheram-no com amarguras risadas.

Varsovia 22.—Houve uma manifestação para dar os agradecimentos á Inglaterra pelas suas sympathias em favor da Polonia.

Turin 22.—A proclamação de Cialdini aos napolitanos manifesta confiança no povo e na guarda nacional.

O general pede o apoio de todas as frações do partido liberal, para poder acabar com os reaccionarios e neutralisar os esforços de quem os dirige de longe.

A «Perseverança» diz que o empréstimo na tarde do dia 19 ficava mais do que coberto. O general Henry vai esta noite a Milão.

Napoles 22.—Muitos dos insurreccionarios estão presos: o chefe dos reaccionarios Monte Silfone, está preso. Monte Falciane, author da revolução de Milão, está preso. O «Nacional» diz que fôra immediatamente fusilado.

Londres 22.—O «Times» diz que Sir J Lewis está nomeado ministro de guerra, e Sir George Grey ministro do interior.

Paris 22.—A «Patrie» recebeu um comunicado do governo para desmentir o que o dito periodico disse a respeito da cessão da ilha de Sardenha á Franca.

O mesmo documento acrescenta que a «Patrie» não é orgão semi official, que as suas idéas são pessoas á redacção e que não recebera communicacão do governo.

A «Mnião» publica um protesto dirigido ao corpo diplomatico pelo cardeal Antonelli, nelle se diz que o Santo Padre não reconhecerá o empréstimo piemontez de 500 milhões, pelo que toca do juro do estado pontificio.

Varsovia 23.—Em consequencia das honras funebres feitas a Adam Czartoriski fecharam-se as lojas e a multidão fez sahir da carruagem o arcebispo.

Turin 24.—O papa mandou chamar o confessor do conde de Cavour, desejoso de ter noticias dos ultimos momentos do conde.

Napoles 23.—Os reaccionarios tornaram a apparecer nas visinhanças da capital.

NOTÍCIAS DE HESPAÑIA

No dia 23 foi executado em Loja, Francisco Mellado Fernandez, habitante d'aquella cidade, e que commandou uma partida de sublevados da mesma povoação. A execução teve logar por meio de gnarrote, pelas 10 horas da manhã.

A *Cronica* acrescenta que as suas palavras de nada servem; que todos os periodicos, com raras excepções e sem differença

de côres politicas, advogaram pela clemencia, e comtudo, esta é a segunda execução que se deplora.

Que não tornará a implorar piedade para os desgraçados de Loja, por isso que é inutil, e que talvez as suas supplicas sejam prejudiciaes aos mesmos a favor de quem as faz.

O conselho de guerra de Loja tinha dado mais tres sentenças, sendo condemnados dos dos revoltosos a 20 annos de prisão e tres a 12 annos.

O *Clamor Publico* foi condemnado n'uma multa de sessenta mil reales.

El Reino, tambem foi condemnado em 4,000 reales de multa.

Por despachos telegraphicos, sabia-se em Madrid, que na noite de 22, SS. MM. percorreram a pé e sem escolta, as ruas de Santander, vendo as illuminacões. Que mais de doze mil pessoas de todas as classes da sociedade, seguiram os reaes hospedes, a quem victoriavão com o maior enthusiasmo. A's 11 e meia, SS. MM. regressaram a palacio, dignando-se apparecer na varanda, no-meio dos vivas freneticos do povo,

ANNUNCIOS.

ARREMATACÕES

NO dia 18 d'Agosto, por nove horas da manhã, no Tribunal das audiencias desta villa, se tem de proceder na arremataçao de uma bouça de matto e pinheiros avaliada em 281:000 rs. — uma leira tambem de matto e pinheiros seive em 92:000 rs. mais duas leiras de matto seive, a primeira em 18:000 rs. e a segunda em 41:000 rs. sitas estas primeiras tres na freguezia de S. Pedro de Villa Frescainha, e aquella na de S. Martinho de Villa Frescainha, todas fôrreiras á Camara; e bem assim do rendimento da quinta do Barral, sita nesta mesma freguezia avaliada livre de cultura e fóros na quantia de 34:800 rs. — assim tambem de uma duzia de cadeiras de pau preto com assento de palhinha, avaliadas em 3:000 rs. — uma comoda tambem de pau preto em 15:000 rs. — umas vacas castanhas com suas crias, em 38:400 rs. — penhorados todos estes bens a D. Mafalda d'Annunciaçao de Barboza e Faria, e marido José Vaz de Oliveira, da mesma freguezia de S. Martinho, por execução que lhes promove Joaquim Barrozo e Matlos, negociante proprietario desta villa. (143)

NO dia 11 do futuro mez de Agosto por 9 horas da manhã no Tribunal judicial desta Villa, se tem

de proceder na arremataçao de uma morada de cazas torres com seu quintal sitas na rua dos Ferreiros desta villa, pertencentes á herança do fallecido José Antonio dos Santos Ferreira Barbosa, para pagamento de dividas dos diversos credores, no inventario que por morte do mesmo se anda fazendo pelo cartorio do escrivão Alvarenga. (142)

PUBLICAÇÕES LITTERARIAS.

CONTOS AO LUAR

POR

JULIO CESAR MACHADO

Editor—José Maria Corrêa Seabra.

O editor persuade-se offerecer ao publico, nesta obra, um livro destinado ao exito mais feliz. Durante a leitura das interessantes historias que constituem este volume, a cada instante se encontram as lagrimas com os sorrisos: da propria confissão do auctor sabemos que elle julga esta obra o seu melhor trabalho litterario. Tem a imprensa periodica dirigido nestes ultimos tempos louvores ao sr. Julio Machado, que nos dispensam de recommendar, annunciando este livro, a maneira delicada do auctor, que sabe folgar sem offender, e ser ironico sem ferir. E' um escriptor que não tem antipathias no meio da sua crescente popularidade. O tom sincero do seu estylo é o segredo da sua fortuna litteraria. Quando, escrevendo, chora, sente-se pela leitura o cair do pranto: nenhum artificio, nenhuma affectação, nenhum arremedo de genero: tem um estylo seu, que ao de nenhum outro escriptor se assimilha, por que ha no seu espirito uma unção affectuosa, que interessa e commove, até quando graceja. Os *CONTOS AO LUAR*, vão ser o livro da moda, o livro romantico, o livro para uma senhora e para um homem de gosto. A attenção prende-se a ponto de não se poder interromper a leitura. Cada conto tem a sua feição, cada personagem tem o seu caracter. O elemento romantico é tudo ali: são inspirações de poeta em paginas de folhetinistas. A edição é nitida, impressa em papel superior, e vai acompanhada de um exactissimo retrato do auctor, gravado sobre uma photographia Nazzi, pelo primeiro gravador portuguez, a quem se deve a magnifica galeria de retratos da *Revista Contemporanea*.

Os *CONTOS AO LUAR*, formam um só volume in 8.º—Preço 500 réis—.

Acha-se á venda esta obra, em Lisboa na rua dos Calafates 110, e nas livrarias do costume. —No Porto na livraria do sr. Pinto da Silva, rua do Almada 134, em Tondella na do sr. Francisco Candido da Cunha e Souza; em Lamego, na do sr. José Cardoso, rua de S. Francisco; em Coimbra, na do sr. José de Mesquita, rua das Covas; em Leiria, em casa do sr. José Pereira Curado; em Elvas, na do sr. Joaquim Antonio Lopes; e em todas as lojas de livros nas principais terras do reino.

Nas localidades porém, onde não haja correspondente, as pessoas que se quizerem prover da dita obra, deverão remetter adiantadamente por meio de vale do correio, ou por outra qualquer via, ao editor—J. M. Corrêa Seabra—Lisboa—a quantia de 500 réis, a fim de lhe ser o volume remittido franco de porte e bem acondicionado.

BARCELLOS. — Typographia de José Alves Valongo e Sousa. Rua Direita n.º 28.—